

O texto plataformizado

Cristiane Costa Dias*

Resumo

Esse artigo tem como objetivo refletir sobre a problemática do texto como forma material das novas discursividades produzidas pelas tecnologias digitais. Da perspectiva da Análise de Discurso, a noção de texto é considerada como unidade complexa onde se manifesta o discurso. Nesse sentido, questionamos: como o discurso tem sido enformado pelas ferramentas digitais de textualização, produzindo unidade (imaginária) ao discurso? No meu entender, a reflexão sobre texto, hoje, não pode prescindir 1. da reflexão sobre as ferramentas digitais que utilizamos para produzir textos, já que aplicativos como *whatsapp*, ferramentas de IA, plataformas de redes sociais, dentre outras, fazem parte da produção de sentidos no nosso cotidiano; e 2. da reflexão sobre a plataformização como condição material de produção e reprodução das textualidades, pelas quais os textos se constituem, se formulam e circulam. Dito de outro modo, é preciso considerar que as textualidades são determinadas por um processo histórico e tecnológico que é o da plataformização, na conjuntura política e econômica do “capitalismo de plataforma”, conceito criado por Nick Srnicek (2017) “com vistas a descrever e analisar a sociedade que se encontra cada vez mais mediada, operada, organizada pelas tecnologias digitais, pela extração e processamento de informações e dependência de infraestruturas informacionais” Nessas condições de produção,

* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutorado, Pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb/Nudecri-Unicamp). Docente do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC Labjor/IEL-Unicamp). Docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (IEL-Unicamp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5711-5288>.

as textualidades contemporâneas dão forma aos sentidos. É a partir delas, portanto, que é preciso pensar o texto. Para tanto, tomarei como objeto de análise textualidades em circulação em diferentes plataformas e ferramentas, buscando compreender como, a partir delas, se produz “contorno material” ao dizer.

Palavras-chave: texto; plataforma; discurso; digital; forma material.

Le texte platformisé

Résumé

L’objectif de cet article est de réfléchir à la problématique du texte en tant que forme matérielle des nouveaux discours produits par les technologies numériques. Dans la perspective de l’analyse du discours, la notion de texte est considérée comme une unité complexe dans laquelle le discours se manifeste. En ce sens, nous posons la question suivante : comment le discours a-t-il été façonné par les outils de textualisation numérique, produisant une unité discursive (imaginaire)? À mon avis, la réflexion sur le texte aujourd’hui ne peut se passer 1. d’une réflexion sur les outils numériques que nous utilisons pour produire des textes, puisque des applications telles que WhatsApp, les outils d’IA, les plateformes de réseaux sociaux, entre autres, font partie de la production de significations dans notre vie quotidienne; et 2. d’une réflexion sur la platformisation en tant que condition matérielle de la production et de la reproduction des textualités, à travers lesquelles les textes sont constitués, formulés et circulent. En d’autres termes, il s’agit de considérer que les textualités sont déterminées par un processus historique et technologique qui est la platformisation, dans le contexte politique et économique du “capitalisme de platefor-

me “, concept créé par Nick Srnicek (2017) “ en vue de décrire et d’analyser une société de plus en plus médiatisée, opérée et organisée par les technologies numériques, l’extraction et le traitement de l’information et la dépendance à l’égard des infrastructures d’information. “ Dans ces conditions de production, les textualités contemporaines façonnent des significations. C’est donc à partir de celles-ci qu’il faut penser le texte. Pour ce faire, j’analyserai les textualités en circulation sur différentes plateformes et outils, pour tenter de comprendre comment le “contour matériel” est produit à partir d’elles.

Mots-clés: texte; plateformisation; discours; numérique; forme matériel.

Recebido em: 10/04/2024 / Aceito em: 08/10/2024

1 Introdução do problema

O texto “Análise de Discurso e Informática”, de Michel Pêcheux (2011 [1981], p. 282), faz uma autocrítica ao projeto da automatização da análise de discurso (AAD69). Essa autocrítica reflete o momento de uma reconstrução teórica, marcada pela abertura do *corpus* e a questão da leitura de arquivo. Embora a construção do algoritmo da AAD69 tenha colocado muitos “entraves” ao problema da constituição do sentido, no que diz respeito às metáforas e deslizamentos, a informática continua sendo, para Pêcheux, um instrumento heurístico. Nas palavras de Maldidier (2003), Pêcheux não queria se servir [da informática], ele queria a fazer servir. Contrariamente aos primeiros procedimentos da inteligência artificial, a informática devia segundo ele permitir reformular as hipóteses, ir mais longe em uma leitura “em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo que lê” (Maldidier, 2003, p. 97). Para Pêcheux (2011 [1981]), sobre o terreno da informática é possível sustentar a tese segundo a qual as ambiguidades, metáforas e deslizamentos próprios às línguas naturais são propriedades incontornáveis do campo da análise de discurso, “que se diferencia por essa razão mesma de toda perspectiva estritamente informacional, documentária ou ‘intelectiva’. Um corpus de arquivo textual não é um ‘banco de dados’” (Pêcheux, 2011 [1981], p. 281).

Trago, ainda que de modo bastante reduzido, essa problemática, tal como se colocou para o grupo da AD, no início dos anos 80, pois há nela uma atualidade capaz de mobilizar a reflexão sobre as novas textualidades, nessa primeira metade do século XXI, fortemente conformadas pelas ferramentas digitais e pelos algoritmos, que tendem a neutralizar, sob a eficácia

simbólica da máquina, o problema das ambiguidades, metáforas e deslizamentos dos sentidos, propriedades incontornáveis do campo da análise de discurso, reduzindo-o a uma perspectiva meramente maquínica ou ao problema dos bancos de dados e modelos de linguagem artificial.

Para pensar os bancos de dados, relativamente ao problema das novas textualidades e da leitura, é preciso apontar que eles se distinguem dos algoritmos. Segundo Gillespie (2018, p. 99), “antes que os resultados possam ser fornecidos algoritmicamente, a informação deve ser coletada, preparada para o algoritmo e, às vezes, excluída ou rebaixada” O autor destaca que o trabalho dos *designs* de banco de dados e suas implicações sociológicas, e eu acrescentaria, discursivas, são frequentemente ignoradas, porém, para além de criar ferramentas informacionais para o funcionamento dos algoritmos, os estilos das bases de dados, geram políticas: “mesmo com esses bancos de dados mais flexíveis, a categorização continua a ser de vital importância para seu design e seu gerenciamento. O processo de categorização é uma poderosa intervenção semântica e política” (Gillespie, 2018, p. 100).

Nesse sentido, quando Pêcheux (2010 [1982]) problematiza, no texto “Ler o arquivo hoje”, a análise dos discursos e a leitura de arquivos a partir do aspecto informático ligado ao tratamento dos documentos textuais, tendo os bancos de dados na origem da sua reflexão, o autor já chama a atenção para o “sistema diferencial dos *gestos de leitura* subjacente” que estão presentes na construção do arquivo e no acesso aos documentos. E, mais do que isso, o autor é bastante firme ao dizer que “não faltam boas almas se dando como missão livrar o discurso de suas ambiguidades” (Pêcheux, 2010 [1982],

p. 55). Essa é uma afirmação extremamente atual, já que, hoje, a plataformização dos textos, que inclui os sistemas de inteligência artificial, trabalha, justamente, para a construção de uma “semântica universal”, preditiva e generativa, construída por meio da “aprendizagem” de padrões estabelecidos por treinamento de um conjunto de dados.

A atualidade de toda uma problemática levantada por Pêcheux (2010 [1982]), no início dos anos 80, diz respeito, ainda hoje, à questão do sentido. Em como o sentido surge do interior de uma sintaxe algorítmica e de uma “semântica universal” que se delineiam com os procedimentos de plataformização do texto, através das traduções automáticas, textos gerados por ferramentas de IA, corretores, sistemas de busca, redes sociais, etc.

Como pensar a questão do sentido nas condições de produção do digital, a saber, na conjuntura histórica, política e ideológica na qual o digital se configura?

É válido dizer que ao interrogarmos o discurso nessa conjuntura, em suas diferentes formas materiais, produzem-se deslocamentos na teoria da análise de discurso, como afirma Orlandi (2017), movimenta-se seu campo conceitual. Segundo a autora,

Nesse movimento, entre teoria e objeto analítico, há deslizamentos na teoria que fazem parte do próprio campo epistemológico da análise de discurso e que lhe dão forma: o vai-e-vem da teoria ao objeto e vice-versa. Quando, neste movimento, há desenvolvimentos, segundo nosso ponto de vista, essas não produzem mera *adaptação* da teoria ao objeto, mas *deslocamentos* teóricos com suas consequências, tanto metodológicas como analíticas. (Orlandi, 2017, p. 282).

Desse modo, pensar o texto relativamente às condições de produção do digital, considerando as especificidades da materialidade do discurso que se manifesta no texto, tem consequências para aquilo que é incontornável na análise de discurso: a interpretação.

A proposta desse artigo é abordar, especificamente, o problema do texto relativamente às condições de produção do discurso digital, e a partir daí, interrogar o processo de produção dos sentidos e os gestos de interpretação dos sujeitos, na conjuntura sócio-histórica e ideológica de formulação e circulação dos discursos.

Para tanto, vou considerar a determinação da produção das textualidades pelo processo histórico e tecnológico da plataformização, na conjuntura política e econômica do “capitalismo de plataforma” (Nick Srnicek, 2018), como dispositivo analítico de compreensão e descrição da sociedade digital, cada vez mais dependente das infraestruturas informacionais. Essa dependência, que estou entendendo aqui como um processo de plataformização, conforma as textualidades contemporâneas. É a partir delas, portanto, que é preciso pensar o texto em sua natureza digital, cuja expansão horizontal se desdobra em postagens, compartilhamentos, comentários, *hashtags*, memes, etc.

Vale esclarecer que texto está sendo trabalhado tal como pensado em análise de discurso, ou seja, em sua espessura material, no qual incide a discursividade. Não se trata de pensar o texto em sua estrutura linear (com começo, meio e fim) ainda que saibamos que essa linearidade/unidade é imaginária. É preciso considerar a natureza do texto pelo digital. E essa natureza se constitui de infraestruturas informacionais, tais

como *whatsapp*, plataformas de redes sociais, com ferramentas e recursos de IA, etc. São essas “tecnologias de linguagem”, definidas por Orlandi (2001) como novas tecnologias de escrita, que medeiam a relação dos sujeitos com os sentidos, através da plataformização do texto.

Pensar o texto plataformizado, nesse sentido, é situá-lo na conjuntura do capitalismo de plataforma dependente das infraestruturas informacionais. Segundo Poell, Nieborg e van Dijck (2020), a plataformização pode ser definida como “a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (Poell, Nieborg e van Dijck, 2020, p. 5),. Isso nos alerta para o fato de que o processo de plataformização está, em primeira instância, pelo menos, a serviço da produção capitalista e as ferramentas digitais são instrumentos dessa “guerra permanente preventiva instalada no interior da paz social, dispositivo essencial do Estado capitalista autoritário moderno, se faz com imagens e palavras, sentimentos, ideias e gestos” (Pêcheux, 2011, p. 74). E eu acrescentaria a essa citação de Pêcheux, atualizando-a, com textos.

Por isso, enquanto analistas de discurso, não são as máquinas ou os dispositivos em si que nos interessam, mas o modo como eles são capazes de afetar processos complexos e discursos, estabilizando-os, pelo tratamento de um grande conjunto de textos de referência, para deles extrair uma “série combinatória de suas variações superficiais” (Pêcheux, 2014, p. 253), modelos e padrões, o que, hoje, se faz pelo treinamento de sistemas de Inteligência Artificial de abordagem generativa e preditiva. Esses sistemas já estão integrados em nosso cotidiano, nos mecanismos de busca do *Google*, por exemplo,

que utilizamos frequentemente, ou em marcação de fotos do Facebook. Como afirma Santaella, “quase tudo que chega até nós no cotidiano já está impregnado de algoritmos de IA: livros, filmes, notícias, jogos, motores de busca e todas as plataformas e aplicativos da web com os quais aprendemos a conviver e sem os quais ficaria difícil viver” (Santaella, 2023, p. 11-12).

Mais uma vez, a dependência dessas infraestruturas informacionais na conformação das textualidades contemporâneas, nos leva a questionar a produção de uma “normalização asséptica da leitura” (Pêcheux, 2010 [1982], p. 55), como prenunciou Pêcheux, através da plataformização.

2 Sentidos de plataforma

Segundo Gillespie (2010), a palavra ‘plataforma’, da qual vem plataformização, é recente e tem seu sentido ajustado às demandas financeiras, culturais e regulatórias das empresas de tecnologia como *Google*, *Youtube*, *Facebook*, etc. Para o autor, essas empresas trabalham discursivamente, metaforicamente, o sentido de plataforma com o objetivo de produzir uma certa estabilização da tecnologia que vem implementando, e dos serviços que oferecem, para que, a partir daí, possam regular as inovações a vir, moldando “o discurso público *online*” (Gillespie, 2010, p. 349). Gillespie afirma que “esse posicionamento discursivo depende de termos e ideias suficientemente específicos para significar algo vago o suficiente para funcionar em vários locais e para vários públicos” (Gillespie, 2010, p. 349), tais como os usuários, os anunciantes, produtores de mídia e decisores políticos. Ainda segundo o autor, “como outras metáforas estruturais (‘rede’, ‘transmissão’ ou ‘canal’),

o termo [plataforma] depende de uma riqueza semântica que, embora possa passar despercebida ao ouvinte casual ou mesmo ao locutor, dá ao termo ressonância discursiva” (Gillespie, 2010, p. 349). Para compreender essa ressonância, Gillespie (2010) vai formular, a partir da análise de 15 definições trazidas pelo *Oxford English Dictionary* – OED, ao termo plataforma, quatro categorias semânticas de significação do termo: computacional, arquitetônico, figurativo e político. Dessa análise, conclui que “plataforma”, tal como usada, hoje, como “intermediário de mídia digital”, não representa nenhuma dessas categorias em específico, mas contempla a todas, enquadrando-se “perfeitamente no apelo igualitário e populista aos usuários comuns e à criatividade popular, oferecendo a todos nós uma ‘superfície elevada e nivelada’”(Gillespie, 2010, p. 358).

Feito esse rápido percurso pelo conceito de plataforma, a partir de Gillespie (2010), saliento que pensar as novas textualidades é também refletir sobre os efeitos do processo de plataformização na produção dos discursos, no que concerne à formulação, circulação e constituição dos discursos. É isso que estou chamando “plataformização do texto”.

2.1 As textualidades seriadas

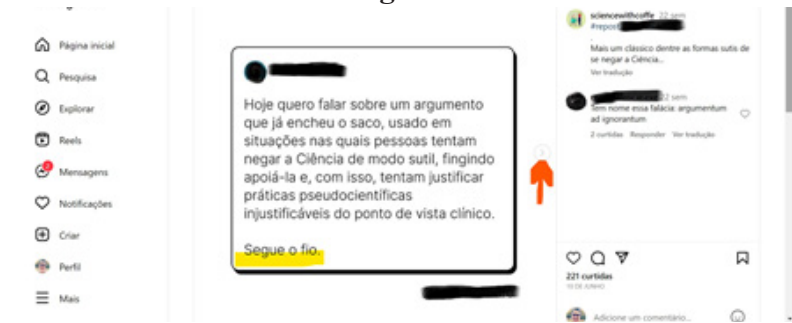
No tocante à formulação e circulação, vou lançar mão da noção de textualidade seriada, com o objetivo de pensar o texto como parte de um processo mais amplo, que é o da plataformização, numa conjuntura específica: a do digital.

Definida como “uma sequência de textualidades dispersas, mas ligadas por um traço comum. Esse traço pode ser linguístico, temático, imagético, de formato, performático,

icônico (*hashtag*), técnico (*thread*) etc.” (Dias, 2020, p. 120), as textualidades seriadas se formulam como unidade significativa, na circulação. A circulação é uma característica central da textualidade seriada. Toda textualidade seriada se formula para circular, ou melhor, se formula na própria circulação. É pela circulação que uma textualidade seriada, como um meme, por exemplo, “faz um” ou se constitui como uma unidade de sentido.

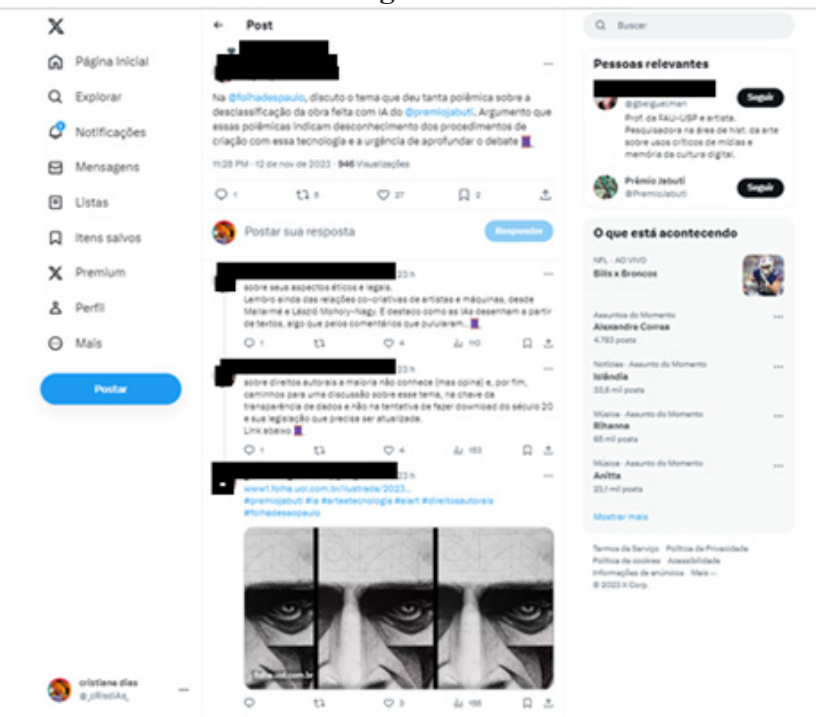
Um exemplo de textualização seriada bastante usual é o fio, que surge no *Twitter* (hoje X) e que também migrou para o *Instagram* e outras redes sociais, com a expressão “segue o fio”. Trata-se de uma sequência formada por uma série de textos e pode ser representada, no X, por um fio vertical que liga esses textos, dando-lhes uma unidade. A princípio, essa fragmentação do texto é mera injunção da própria plataforma, que limita os caracteres, e isso já faz parte da plataformização do texto. No entanto, com um olhar mais atento, concluo que mais do que fragmentação, trata-se de dispersão, já que os fragmentos podem ser repostados, curtidos ou comentados independentemente. Quando falo em dispersão, não é empiricamente, mas como efeito de sentido, efeito da leitura. No caso do Instagram, essa característica da textualidade seriada como dispersiva, é ainda mais visível, já que os textos se ligam pela seta que indica sua continuidade na tela seguinte, podem ser lidos sem que se avance pela seta. Assim como podem ser repostados independentemente. Essa textualidade também é chamada de “carrossel”, no Instagram. Tanto no caso do thread quanto no carrossel, o “fio” ou a expressão “segue o fio”, ou ainda “lá vem fio” é aquilo que materializa a unidade, que “reúne” a série numa sequência com uma extensão (imaginariamente) com começo, meio e fim. No entanto, essa “reunião” só acontece no processo da leitura.

Figura 1



Fonte: Captura de tela de postagem em carrossel, no Instagram.

Figura 2



Fonte: Captura de tela de postagem de um fio, no X.

O que é interessante notar nesses exemplos é que a textualidade seriada que ganha unidade no fio (do discurso), mantém sua deslinearização intradiscursivamente. Desse modo, podemos dizer que a deslinearização é própria dessa textualidade. Não é um aspecto formal da textualidade, mas discursivo.

Marie-Anne Paveau afirma que a deslinearização é um “traço específico do enunciado digital nativo” (Paveau, 2017, p. 117). Para a autora a deslinearização, numa primeira instância, está ligada aos elementos clicáveis (*tecnomot* e *hiperlinks*), como *links*, *hashtags*, que colocam dois discursos em relação. Mas nem toda deslinearização, para Paveau, se constitui por um elemento clicável. Num sentido mais amplo, “a deslinearização é uma elaboração do fio do discurso na qual as matérias tecnológicas e linguageiras são coconstitutivas, e afetam a combinatória frástica criando um discurso compósito de dimensão relacional.” (Paveau, 2017, p. 117).

No caso da *hashtag*, por exemplo, o símbolo da cerquilha, que marca sua deslinearização, é o mesmo que garante sua unidade. Não se trata, necessariamente, de uma unidade de sentido, mas uma unidade textual, pois, como tem mostrado o trabalho de Pereira (2024), uma mesma *hashtag* pode produzir sentidos muito diferentes, que se inscrevem em formações discursivas opostas.

O que é preciso compreender é que na textualidade seriada, a deslinearização não interessa como função, mas como funcionamento. Lembrando que para a AD o texto é a unidade onde se textualiza o discurso.

Isso pode ser observado, também, em outras formas de textualidade seriada, nas quais as partes da série significam independentemente, produzindo unidade textual significativa na dispersão.

Figura 3



Fonte: Charge de Edir, captura do Instagram.

Nessa charge, está funcionando no interdiscurso dois acontecimentos distintos, que ocorreram em momentos distintos, um deles é o relato de pilotos de duas companhias aéreas brasileiras, que avistaram no céu da cidade de Porto Alegre, luzes brilhantes, o que reportaram como possíveis ovnis. O outro acontecimento tem como referente discursivo o bolsonarista que se pendura em um caminhão em movimento, com o objetivo

de impedi-lo de circular, durante um ato em que ocorreu em Caruaru, em protesto à vitória de Lula sobre Bolsonaro, nas eleições de 2022. Os dois acontecimentos tiveram forte repercussão discursiva na internet, gerando uma quantidade grande de memes, charges e cartuns. No entanto, é este segundo acontecimento que inscreve o primeiro, na textualidade seriada do homem que se pendura no caminhão, sendo ele o elemento repetível da textualidade.

Figura 4



Fonte: Instagram e google imagens

Aqui o funcionamento da repetição se estrutura na dispersão (cada uma dessas textualidades foi produzida em momentos distintos e em postagens distintas), e na quantidade (pelos incontáveis compartilhamentos de cada uma dessas textualidades), pela possibilidade de expandir-se, de desdobrar-se em outras formulações (charges, memes, etc.). Essa é uma especificidade da textualidade seriada em relação a outros textos que se formulam por elementos de repetição. Além disso, o elemento repetível da textualidade seriada, nesse caso,

o homenzinho segurando o disco voador, inscreve o dizer numa formação algorítmica específica, pelo funcionamento da memória digital, que recupera o fio do discurso, produzindo uma unidade de sentido ao instaurar uma textualidade seriada, aquela que assegura o legível da série e o seu desdobramento parafrástico. A memória como estruturação dessa textualidade na materialidade digital também tem sua especificidade numa dialética da repetição e da metaforização. A memória digital é aquela que rege a formulação circunscrita por dispositivos digitais, fazendo com que ela se desdobre em outras.

Algumas afirmações de Eni Orlandi, sobretudo na obra “Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos” (2001), estão na base da noção de textualidade seriada. Uma delas, que gostaria de recuperar, é a de que quando pensamos o texto, da perspectiva discursiva, o pensamos em sua materialidade, ou seja, “como historicidade significante e significada; como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto; como uma unidade de análise que mostra acentuadamente a importância de se ter à disposição um dispositivo analítico, compatível com a natureza dessa unidade.” (Orlandi, 2001, p. 12).

As textualidades seriadas são parte do dispositivo analítico construído nessa análise para compreender o funcionamento das novas textualidades, relativamente às condições de produção do discurso digital. É uma noção que ao ser mobilizada, mostra a relação complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto, nos permitindo compreender as textualidades em circulação pelo digital, da perspectiva discursiva.

3 Textualidades em circulação: análises e procedimentos

Nos termos de Orlandi (2001), a formulação é aquilo que dá corpo ao sentido, no entanto, quando pensamos uma textualidade

seriada, aquilo que dá corpo ao sentido (sua unidade significante) é a circulação. Essa é uma característica das novas textualidades, inscritas no processo da plataformização.

Para discurrir melhor sobre os efeitos do processo de plataformização na produção dos discursos, no que concerne aos momentos da formulação, circulação e constituição, trarei um primeiro recorte de análise. Trata-se de uma postagem da página da Folha de São Paulo no *Instagram*, em 18 de outubro de 2023, com a notícia sobre uma acusação sofrida pelo Facebook e *Instagram* de terem suprimido postagens pró-palestinos. Vejamos¹:

Figura 5



Captura de tela da postagem da página da Folha de São Paulo no Instagram.

¹ Os grifos em amarelo no texto da postagem são meus.

Num primeiro momento, o recorte se caracteriza como uma textualidade seriada pelos traços discursivos digitais: curtir, comentar, compartilhar, arquivar (logo abaixo da imagem) que, dentre outros, levam o leitor a reconhecer que se trata de uma postagem da rede social *Instagram*. O texto significa entre outros, na *Timeline* da Folha no *Instagram*, ainda que aqui apareça como uma unidade. No entanto, ele significa pela circulação, que dá corpo ao sentido, pela página que desliza. Essa circulação se marca, na textualidade, pelas 12.668 curtidas (no momento da captura), por exemplo. Se um sujeito ler a mesma notícia no site da Folha, sua formulação é outra. O corpo do sentido é outro. No *Instagram*, ele se configura com uma textualidade que faz série no meio de outras postagens.

Essa postagem textualiza o discurso do genocídio que vem ocorrendo na Palestina, ofensiva liderada por Israel desde o ataque por ele sofrido pelo grupo Hamas, em outubro de 2023. Trata-se de uma denúncia dos usuários das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, ambas de propriedade da empresa Meta, a respeito do apagamento de postagens de apoio aos civis palestinos, mesmo que essas postagens não violem as regras das plataformas.

Essa postagem explicita aquilo que estou chamando de plataformização do texto, na medida em que a forma da textualização é determinada pelos recursos de controle da plataforma, seja humano, seja algorítmico, ao decidir aquilo que pode e deve circular no interior da “formação algorítmica” (Ferragut, 2019) do discurso sobre o conflito Israel-Palestina. Importante dizer que a formação algorítmica não é neutra, ela se retroalimenta por dispositivos digitais, sistemas operacionais que intervém discursivamente na produção de sentidos pela

categorização dos bancos de dados, tratada por um algoritmo. Assim, o padrão de exclusão que pré-determina que postagens pró-palestina não serão publicadas ou terão circulação reduzida, é ideológico, pois interpreta o sentido em *uma* direção. Nas palavras de Orlandi (2008, p. 44), “o processo ideológico, no discurso, está justamente nessa injunção a *uma* interpretação que se apresenta sempre como *a* interpretação.” No funcionamento dos discursos pelo digital, essa injunção se dá pelas formações algorítmicas, em que a ideologia da tecnologia trabalha para delimitar as fronteiras dos sentidos no digital, daquilo que pode e deve circular.

Um outro recorte que me permite demonstrar analiticamente a determinação das plataformas na forma material do sentido daquilo que se textualiza, é a postagem a seguir:

Figura 6



Fonte: Captura de tela do Instagram.

Trata-se do caso do policial branco americano, Derek Chauvin, que assassinou Georg Floyd, um homem negro, durante uma abordagem, em Minneapolis. O assassinato causou grande revolta no mundo e viralizou na internet.

Nessa postagem, para formular o seu dizer, garantindo sua circulação, lembrando que no digital o dizer se formula ao circular, o sujeito apaga as letras de algumas palavras que poderiam ser identificadas pelo algoritmo do *Instagram* como inadequadas, ofensivas ou propensas à incitação de violência. Desse modo, as palavras “condenado” “assassinato” “esfaqueado” “esfaqueou”, foram auto-censuradas, alterando a forma material do texto em prol da circulação. Essa autocensura não ocorreu por uma tarja preta, mas pelo apagamento de uma ou mais letras, de modo a furar o algoritmo que, supostamente, reconheceria nessas palavras um padrão de postagem inadequada segundo a rede social. O gesto de apagar algumas letras das palavras suspeitas, reinstaura o político à dimensão técnica do silêncio (Dias, 2023), aquela que põe em relação silêncio e tecnologia de linguagem e que

funciona à margem do algoritmo, daquilo que o algoritmo recorta ou enquadra, à margem da nitidez ou mesmo da coerência do dizer formulado pela máquina. É o que se destaca ou o que se apaga, para silenciar sentidos de um objeto simbólico, por meio de recursos técnicos ou ferramentas digitais. (Dias, 2023, p. 225).

A dimensão técnica do silêncio é uma dimensão das novas textualidades que faz parte do processo de leitura e circulação dos sentidos na sociedade. Nela, o trabalho da memória digital é fundamental, pois trabalha a produção dos sentidos na formulação pelo apagamento das letras, fazendo funcionar a variação. Pela memória digital, em vez de escrever a palavra

indesejada pela formação algorítmica da rede social *Instagram*, se escreve a mesma palavra, de outra forma, rompendo com a estrutura totalizante da máquina.

3.1 Inteligência Artificial e discurso

Quanto à compreensão do texto pelo digital como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto, é legítimo dizer que a natureza do texto que se faz pelo digital se transforma na medida em que sua relação com a memória é outra, como procurei mostrar nas análises anteriores.

É por isso que é tão importante tomar o momento da circulação como ângulo de entrada na produção de sentidos, em seu funcionamento discursivo, pois as textualidades não circulam como dado bruto, mas como um dado que já passou por uma padronização, por uma interpretação, para que possa integrar um banco de dados. E sabemos que toda interpretação é ideológica.

Nesse sentido, gostaria de trazer uma última análise de um recorte da rede social X, que também repercutiu na sociedade brasileira, no mês de outubro de 2023. A deputada Renata Souza (Psol), solicitou à ferramenta de Inteligência Artificial da Microsoft, o gerador de imagem do Bing, uma imagem ao estilo *Disney Pixar* (*trend* do momento nas redes sociais), de uma mulher negra, de cabelos afro, com roupas de estampa africana num cenário de favela. A imagem criada foi a seguinte:

Figura 7



Fonte: Imagem gerada por inteligência artificial a pedido de Renata Souza
Foto: Reprodução/X.

Ao obter esse resultado, que mantém alguns elementos que a deputada havia descrito em seu comando à ferramenta de IA, a saber, uma mulher negra, num cenário de favela, com cabelos afro, mas altera outros, como a roupa e o “detalhe” acrescido: uma arma em punho, Renata Souza questionou: “Não pode uma mulher negra, cria da favela, estar num espaço que não da violência? O que leva essa ‘desinteligência artificial’ a associar o meu corpo, a minha identidade, com uma arma?”, conforme podemos ler na postagem abaixo. Após esse resultado, Renata passou a denunciar o gerador de imagens do Bing, da Microsoft por racismo algorítmico.

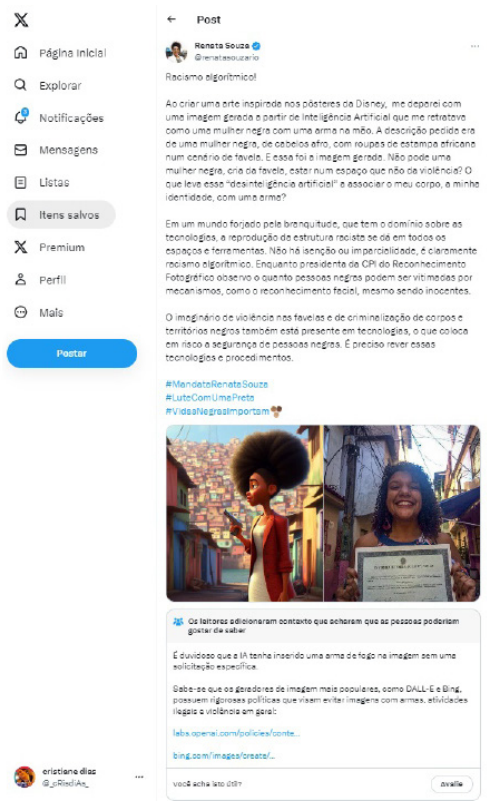
Silva (2023), que é o maior estudioso brasileiro sobre racismo algorítmico, afirma que, em suas pesquisas, usa

o termo ‘racismo algorítmico’ para explicar como tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pelo privilégio branco fortalecem a ordenação racializada de conhecimentos, recursos, espaço e violência em detrimento de grupos não brancos. Então, muito além dos detalhes das linhas de programação, falamos aqui da promoção e implementação acríticas

de tecnologias digitais que favorecem a reprodução dos desenhos de poder e opressão que já estão em vigor.² (Silva, 2003).

A definição trazida por Silva nos leva a compreender a repercussão negativa que a denúncia de Renata Souza teve entre os perfis do X.

Figura 8



Fonte: Publicação do perfil de Renata Souza no X.

Muitos perfis contestaram seu relato, colocando em dúvida a veracidade do que a deputada estava dizendo. Podemos ver, na parte inferior do *print* acima, um texto que se originou

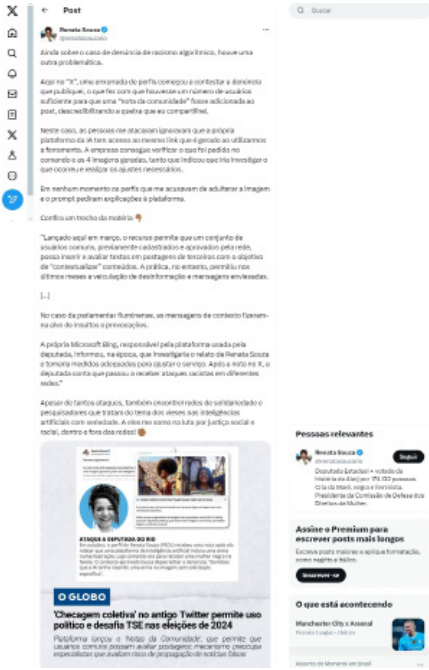
2 Entrevista concedida ao blog do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho (CEE-Fiocruz), em março de 2023. Referência completa na lista final.

de um recurso do X, chamado “Nota da Comunidade” ou “mensagens de contexto”. Por meio desse recurso, sujeitos comuns que têm perfil na plataforma de rede social, chamados colaboradores, que se inscrevem para fazer notas em postagens supostamente enganosas, podem deixar textos anexados a elas. Caso seja considerada uma nota relevante por um número alto de usuários da rede, ela será exibida na postagem. E esse é o caso da postagem da deputada Renata Souza, considerada, pela “comunidade”, suspeita de ser enganosa. Essa nota, coloca em dúvida a denúncia de racismo algorítmico feita pela deputada, usando como argumento as “rigorosas políticas” de conteúdo das plataformas. Segundo o texto da nota:

É duvidoso que a IA tenha inserido uma arma de fogo na imagem sem uma solicitação específica. Sabe-se que os geradores de imagem mais populares, como DALL-E e Bing, possuem rigorosas políticas que visam evitar imagens com armas, atividades ilegais e violência em geral: <https://labs.openai.com/policies/content-policy>
<https://www.bing.com/images/create/contentpolicy>.

A nota expôs a deputada Renata Souza a diversos ataques na rede social. A própria deputada responde à nota, pelo seu perfil no X.

Figura 9



Fonte: Captura de tela da resposta da deputada Renata Souza, à nota da comunidade, no X.

Por outro lado, a Gazeta do Povo³ publicou uma reportagem que dá voz à IA da *Open IA*, o chatGPT, e que, pelas respostas, legitima as contestações dos internautas. A reportagem coloca em dúvida, inclusive, o conceito de racismo algorítmico. E traz uma outra versão da imagem, supostamente a verdadeira, gerada pela IA com o mesmo *prompt* de comando utilizado por Renata Souza.

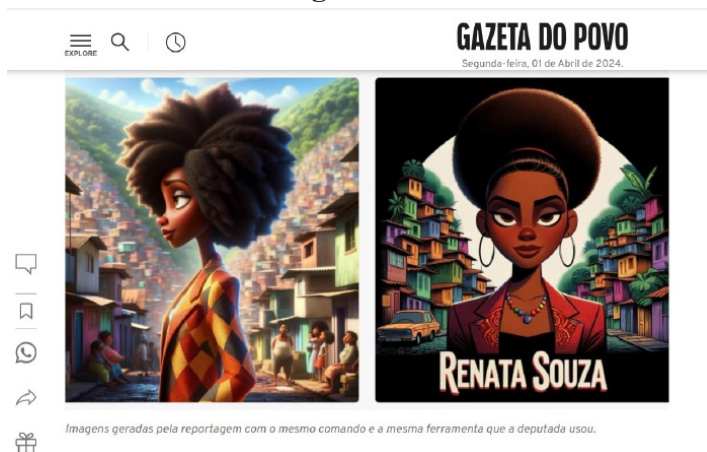
Vejamos:

[chatGPT] *Para entender melhor o que aconteceu, eu posso tentar gerar uma imagem com o prompt fornecido e ver o resultado. Isso nos ajudará a avaliar a saída do modelo neste caso específico. Você gostaria que eu fizesse isso?*

³ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/deputada-do-psol-acusa-ia-de-racismo-algoritmico-e-suscita-duvidas-em-internautas/>.

A reportagem respondeu que sim, e o ChatGPT retornou o seguinte conteúdo gerado com a ajuda do DALL-E⁴:

Figura 10



Fonte: Gazeta do Povo (2024).

[chatGPT] *Aqui estão as imagens geradas a partir do prompt fornecido. Com base nesses resultados, você pode avaliar se as representações estão de acordo com o esperado. Se a deputada Renata Souza tivesse recebido uma imagem com uma arma, seria certamente uma ocorrência indesejada e não intencional.*

A reportagem faz um gesto simbólico de produzir uma acareação entre a deputada Renata Souza e a IA, colocando-as em disputa. A disputa entre a verdade e mentira. Entre o humano e o robô.

Na resposta do chatGPT, após o Dall-E ter gerado a imagem sem a arma, supostamente a partir do mesmo prompt de comando usado por Renata Souza, o chatGP diz: “*Se a deputada Renata Souza tivesse recebido uma imagem com uma arma (...)*”. Essa formulação artificial produz, pelo uso da conjunção

⁴ A ferramenta utilizada por Renata Souza, o gerador de imagens do Bing, da Microsoft, utiliza a mesma tecnologia do Dall-E, criada pela OpenAI, mesma empresa que criou o chatGPT.

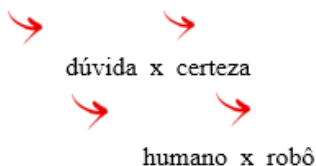
subordinada condicional “se”, o efeito da dúvida. “Se ela tivesse recebido uma imagem com uma arma” abre o sentido para o complemento: “mas ela não recebeu”. A resposta gerada pelo chatGPT coloca a dúvida sobre o que disse Renata Souza em sua publicação no X. Porém, ainda que suponhamos que ela tenha de fato recebido uma imagem com uma arma (o que é duvidoso, pela resposta do chatGPT), *seria certamente uma ocorrência indesejada e não intencional*. Veja que nessa formulação, não há dúvida, mas certeza: “certamente”.

ChatGPT – “certamente” - certeza

Renata Souza – “se ela tivesse” – dúvida

O que podemos, ainda, parafrasear:

Renata x chatGPT



Vemos que na formulação que coloca como hipotética a geração da imagem de uma mulher negra com uma arma na mão, pela IA, a justificativa é a de que essa ocorrência seria – certamente - uma ação “indesejada” e “não intencional”. Não há margem para dúvida. Já a imagem publicada pela deputada, é duvidosa e significa pelo pré-construído de que foi publicada com intenção de enganar.

A inteligência artificial significa na contradição entre:

1. uma IA não pensa, por isso não tem a “intenção” de publicar uma imagem com uma arma na mão e associar uma mulher negra na favela, à violência; ou, por ser um robô, seus erros

não são intencionais. Nessas duas formas de significação, a IA assume a condição de máquina-não-pensante. E 2. uma IA é capaz de pensar e por isso, se publicasse uma imagem de uma mulher negra com uma arma na mão, na favela, seria apenas um erro, sem intenção de racismo algorítmico. Nessa forma de significação, a IA assumiria a condição de máquina-inteligente e, por essa mesma razão, a natureza do “erro” não seria da mesma ordem daquela do erro humano, suposto com a intenção de enganar ou criminalizar pessoas negras. De todas as formas, o racismo seria da ordem do humano, e não da máquina, seja ela inteligente ou não.

Vejamos o posicionamento da Microsoft sobre o ocorrido, publicado no portal Notícia Preta⁵:

Acreditamos que a criação de tecnologias de IA confiáveis e inclusivas é um tema crítico e algo que levamos muito a sério. Estamos investigando este relato e tomaremos as medidas adequadas para ajustar nosso serviço. Estamos totalmente comprometidos em melhorar a precisão dos resultados desta nova tecnologia e continuaremos fazendo investimentos adicionais para isso à medida que ela continua a evoluir. (Portal Notícia Preta).

A incidência do discurso da confiabilidade das tecnologias de IA, assim como do seu empenho para a inclusão, na textualidade da nota da Microsoft, reforça o pré-construído da fragilidade das ações humanas. Mas o que se diz nessa nota e que significa como efeito de sentidos nos recortes analisados sobre o caso de racismo algorítmico, sofrido por Renata Souza, não só

⁵ Publicado em 27 de outubro de 2023. Notícia Preta é um portal de notícias, um “jornal antirracista feito por profissionais, estudantes e comunicadores negros(as) que acreditam que, através da comunicação e da educação, é possível ter uma sociedade mais justa e com equidade racial.” Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/>

pela geração da imagem pela ferramenta de IA, mas também por sujeitos internautas, após a denúncia da deputada, é que estamos sob um regime discursivo controlado por plataformas (*Microsoft, OpenAI, X, Instragam*, etc), que, com suas políticas, decidem que sentidos e como devem “corrigi-los”, ajustando suas ferramentas. Mas é preciso compreender que “corrigir” um algoritmo não é o mesmo que lutar para que processos de significação históricos e discriminatórios se inscrevam diferentemente. “Corrigir” uma estrutura de dados não é o mesmo que lutar para que o racismo estrutural deixe de “gerar” imagens como a denunciada pela deputada Renata Souza, que associa a violência e a criminalidade a pessoas pretas e pobres, da periferia. É preciso compreender que “corrigir” erros pautados numa política de plataforma não é o mesmo que pagar a dívida histórica com os negros escravizados, pelo estabelecimento social e democrático de políticas públicas contra o racismo. Estamos ainda no tempo das máquinas de lavar dos textos!

É por isso que, conforme Gillespie (2018, p. 99), “reconhecer quais são as formas pelas quais os dados são ‘limpos’ é um importante contraponto para a aparente automaticidade dos algoritmos” ou a automaticidade dos sentidos. Ou seja, os dados não são neutros, são materialmente significados por um construto técnico.

Considerações finais

O conjunto de análises que propus, com o objetivo de refletir sobre a problemática do texto como forma material das novas discursividades produzidas pelas tecnologias digitais, buscam demonstrar os efeitos de sentido da plataformização do texto, e a

necessidade de levar em conta as distintas especificidades dessa plataformização ao tomar o texto como unidade de análise.

No caso das análises sobre as textualidades seriadas, os efeitos incidem sobre o funcionamento da memória digital na análise dos discursos, ou seja, no modo como a memória circunscrita pelos dispositivos digitais inscreve os dizeres numa serialização que recupera algo do mesmo no outro, “algo fala antes, em outro lugar e independentemente”. Essa circunscrição é a própria plataformização, que diz respeito não apenas à infraestrutura sob a qual se textualiza, mas à própria determinação histórica, política, econômica e tecnológica do sentido mediado e organizado por um processo de textualização dependente das infraestruturas informacionais, que enformam os sentidos, dando-lhes uma direção, que é política e ideológica, como vimos no caso do texto feito por IA.

Assim, o principal aspecto do texto plataformizado é uma mudança na relação com a memória, a memória digital, a partir da qual o sentido se inscreve mediante uma repetibilidade que se estrutura pela quantidade. Esse aspecto perpassa todas as análises que desenvolvi nesse artigo. Desde a repetibilidade própria à textualidade seriada, sustentada por um elemento repetível que faz série; passando pela contenção ou silenciamento das palavras, que são identificadas pelo algoritmo pela quantidade ou frequência de ocorrências; até a quantidade de dados racistas circulam na internet e que fazem com que a IA associe uma pessoa preta numa favela a uma arma e aos sentidos de marginalização.

Para mim, a relevância de refletirmos sobre a natureza do texto a partir da plataformização, está no fato de que o funcionamento da memória pelo digital, que mobiliza as condições de produção, tem suas especificidades. E foram essas especificidades que procurei descrever e interpretar.

Referências

- DIAS, Cristiane. O texto pelo digital. *In*. PEIFFER, Claudia et. al. (org.) *Língua, ensino, tecnologia*. 2020.
- FERRAGUT, Guilherme. MPL E MBL: a avenida paulista e os movimentos antes de P e B: uma reflexão sobre a formação algorítmica. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas. Nº 44, p. 112-133, jul-dez. 2019
- GILLESPIE, Tarleton. The politics of ‘platform’. *New media & society* 12(3), p. 347–364, 2010.
- GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. *Parágrafo*. São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, Eni. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, Eni. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*: Campinas; Pontes, 1999.
- PAVEAU, Marie-Anne. *L’analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et de pratiques*. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.
- PECHEUX, Michel. Análise de Discurso e Informática. Tradução de Cristiane Dias. *In*. ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados*. Campinas: Pontes, 2011, p. 275-282.2011.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In.* ORLANDI, Eni. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PECHEUX, Michel. Apresentação da análise automática do discurso (1982). *In.* GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani *et. al.* 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, p. 251-279, 2014.

POELL. Thomas, NIEBORG, David, VAN DICK, José. Plataformização. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, Porto Alegre, 22(1), 2-10 janeiro/abril 2020.

PORTAL NOTÍCIA PRETA. *Racismo algorítmico Deputada Renata Souza Denuncia representação da inteligência artificial*. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/racismo-algoritmico-deputada-renata-souza-denuncia-representacao-inteligencia-artificial/>. Acesso em 02/04/2024.

SANTAELLA, Lúcia. *A inteligência artificial é inteligente?* São Paulo: Edições 70, 2023.

SILVA, Tarcísio. O racismo algorítmico e uma espécie de atualização do racismo. Entrevista concedida ao blog do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho (CEE-Fiocruz), em março de 2023. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Tarcizio-Silva-O-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural>. Acesso em 01/04/2024.

SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataformas*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.